

EDITORIAL

Assim como no anterior (2014.1), este número da **Phoînix** é composto por oito artigos de pesquisadores nacionais e internacionais que se dedicam ao estudo da Antiguidade Greco-Romana. Cinco deles abordam objetos que fazem referências à sociedade grega e três à romana. No que se refere à natureza da documentação, seis dos artigos analisam exclusivamente os textos escritos – havendo uma pluralidade nos gêneros literários –, e dois priorizam o diálogo com a cultura material.

O gênero poético predomina neste número da **Phoînix**. A epopeia homérica, por exemplo, é objeto de análise de dois artigos. Alexandre Santos de Moraes estuda a importância que a poesia homérica atribui à paternidade e, através da análise das representações de Diomedes e Telêmaco, observa o impacto da ausência paterna na transição da juventude para a idade adulta. Já Graciela C. Zecchin de Fasano vincula a narrativa homérica à reflexão acerca das “biografias apócrifas” de Odisseu. Ela parte da assertiva de que a narrativa homérica tem sido descrita como resultado de uma “poética da verdade” e, sem dúvida, nem todo o conteúdo da **Odisseia** pode ser compreendido sob esse modo de se conceber a poesia. Assim sendo, a autora analisa o material narrado na **Odisseia** a partir de três tipologias discursivas – o discurso nostíco, o discurso catalógico e o discurso apologético – e as aplica ao caso particular das “biografias apócrifas” de Odisseu, para demonstrar em que sentido esses elementos compositivos podem integrar-se a uma poética da verdade e qual é o seu efeito na interpretação do poema.

A poesia de Sólon, aliada a sua biografia produzida por Plutarco, é o tema do artigo de Delfim F. Leão, que estuda alguns dos versos de Sólon (frgs. 9,1-2 e 12 West) transmitidos por Plutarco na **Vida de Sólon**, bem como os comentários feitos pelo biógrafo sobre o significado estrutural dessas composições no que respeita ao pensamento filosófico “simplista” do poeta ateniense. Juntamente com o frg. 9, também os frgs. 10 e 11 West são apresentados pelos seus testemunhos como avisos contra a tirania de Pisístrato. Que a ideia de tirania estava muito presente na poesia de Sólon é indiscutível, mesmo que os seus sentimentos em relação a essa forma de governo nem sempre sejam claros.

A poesia trágica é analisada por Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, que lança um olhar sobre a tragédia grega no Brasil, de modo a descrever o teatro grego como uma combinação poderosa de corporificação e palavra, focalizando alguns problemas de tradução. Por fim, a autora exorta a todos a concentrarem mais na performance que nas palavras, sem empobrecer nem as palavras nem a performance.

A poesia latina é enfocada por Regina Maria da Cunha Bustamante, que, através da poesia de Ovídio, se dedica à análise das Lemuria, uma festa ocorrida no mês de maio e específica para apaziguar os mortos não enterados ou os não enterrados de acordo com as tradições romanas. O artigo defende que um dos principais aspectos da religiosidade da Roma Antiga era a preocupação com o culto dos mortos, que estava inserido no âmbito doméstico, mas sua celebração correta interessava a toda a comunidade.

Ainda no contexto da sociedade romana e dedicando-se ao estudo das homilias destinadas a confrontar os judeus e judaizantes, ao que tudo indica bastante numerosos à época, Gilvan Ventura da Silva, através dos escritos de João Crisóstomo, propõe em seu artigo analisar os argumentos empregados pelo autor tanto para conferir uma determinada identidade (oposta à judaica) à **koinonia** dos cristãos antioquenos quanto para conclamá-los a atuar como “olhos e ouvidos” do presbítero, reportando às autoridades eclesiásticas qualquer situação que ameaçasse o “corpo” da igreja.

Fechando o conjunto de artigos deste número, temos dois que concretizam o diálogo com a cultura material. O primeiro, de Carolina Kesser Barcellos Dias, se dedica à interpretação das imagens figurativas áticas. A autora defende que, por volta 570 a.C., o repertório figurativo nos vasos áticos de figuras negras começa a se constituir, e temas relativos a Dioniso e seu séquito tornam-se extremamente populares. Essa popularidade, que pode ser parcialmente explicada pela difusão dos cultos dionisiacos na região da Ática, possui relação direta com as oficinas nas quais artistas-artesãos especializados na produção de léцитos de figuras negras tornaram-se responsáveis pelo desenvolvimento de uma importante tradição iconográfica do deus e de sua mitologia.

Na sequência, o artigo de Claudia Beltrão da Rosa coloca em evidência o diálogo entre a documentação literária e suas relações com as pesquisas arqueológicas. Os textos literários são lidos a partir do modelo de paisagem religiosa proposto por John Scheid e François de Polignac, visando à

compreensão das relações entre religião, política e comunidade na Roma augustana. A autora afirma que o principado augustano promoveu uma série de intervenções religiosas em Roma – na *urbs* e em seu *suburbium* –, criando um grande “palco” no qual um passado mítico foi encenado. Trata-se de um momento no qual mitos etiológicos foram inventados e/ou ressignificados, bem como novas formas e usos rituais promoviam conteúdos e significados importantes para seus autores e sua audiência. Templos e altares no *suburbium* criados a fundamento ou “restaurados” formaram uma “paisagem religiosa” organizada e politizada, à qual a historiografia moderna nomeou *ager romanus antiquus*, com base em etiologias que explicavam as origens da *urbs* e/ou da *res publica*.

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), um agradecimento especial por ter financiado mais um número da **Phoênix**.